



O CAMINHO NÃO TRILHADO multilíngue

Gratuito para fins educacionais

O CAMINHO NÃO TRILHADO multilíngue

Organização

Daniel Serravalle de Sá & Rafael Silva Fouto

Florianópolis

DLLE | CCE | UFSC

2025

FICHA TÉCNICA

Conselho Editorial

André Fiorussi
Carolina Pizzolo Torquato
Marcio Markendorf
Martha Júlia Martins de Souza
Matias Corbett Garcez
Ronaldo Lima
Rosvitha Friesen Blume

Design Editorial e Revisão

Emilene Lubianco de Sá

Capa

Inspirada na pintura de Vincent Van Gogh,
intitulada *Tuin van de inrichting Saint-Paul*
(*Het vallen van de bladeren*), 1889.

Organização

Daniel Serravalle de Sá & Rafael Silva Fouto

Núcleo Interdisciplinar de Estudos Góticos

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Comunicação e Expressão
Bloco B. Sala 120.
Campus Universitário — Trindade
Florianópolis — Santa Catarina
88010-970

✉ d.serravalle@ufsc.br

☎ +55 (48) 3721-9455

FICHA CATALOGRÁFICA

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária da Universidade Federal de Santa Catarina

C183 O caminho não trilhado : multilíngue / organização Daniel Serravalle de Sá. Rafael Silva Fouto. — Florianópolis : DLLE/CCE/UFSC, 2025. 53 p.

Obra multilíngue : inglês, francês, alemão, espanhol, italiano e português. Tradução de: The road not taken
ISBN 978-85-8328-396-6

1. Poesia americana — Traduções. 2. Literatura americana — Tradução e interpretação. 3. Frost, Robert, 1874-1963 — Crítica e interpretação. I. Sá, Daniel Serravalle de. II. Fouto, Rafael Silva

CDU: 820(73)-1

ÍNDICE

“The road not taken”, a história do poema e de suas traduções	7
---	---

Inglês

The road not taken — Robert Frost, 1915	17
---	----

Francês

La route que je n’ai pas prise — tradução de Alain Bosquet	19
--	----

La route non prise — tradução de Claude Neuman	21
--	----

Le chemin ne pas pris — tradução de Claudia Borges de Faveri	23
--	----

Alemão

Die Qual der Wahl — tradução de Klaus Eggensperger	25
--	----

Der Weg, den man nicht nahm — tradução de Markus J. Weininger	27
---	----

Der nicht gegangene Weg — tradução de Walter A. Aue	29
---	----

Espanhol

El camino no tomado — tradução de Andrea Espada Vadillo	31
---	----

El camino no escogido — tradução de Martha Lucía Pulido Correa	33
--	----

El camino que no tomé — tradução de Meritxell Hernando Marsal	35
---	----

Italiano

La strada non presa — tradução de Andrea Santurbano	37
---	----

La strada non presa — tradução de Marika Avezzi	39
---	----

La strada mai presa — tradução de Sergio Romanelli	41
--	----

Português

A estrada não trilhada — tradução de Gisele Orgado	43
--	----

A via não tomada — tradução de Monique Pfau	45
---	----

A estrada não tomada — tradução de Walter Carlos Costa	47
--	----

Sobre as tradutoras e os tradutores	49
--	-----------

“The road not taken”, a história do poema e de suas traduções

Daniel Serravalle de Sá & Rafael Silva Fouto

A imagem de um caminho que se bifurca, metáfora central do poema “The road not taken”, transcende o âmbito da poesia estadunidense, ecoando de modo ubíquo em diferentes culturas e contextos. A encruzilhada no bosque, representada como um dilema de percurso, não é exclusiva de Robert Frost (1874-1963), vale notar, mas um signo de ressonância universal, pois remete à experiência da escolha. Desde as corriqueiras decisões cotidianas até aquelas capazes de moldar o futuro, em algum momento cada um de nós já se viu (e ainda se verá) diante de uma decisão pessoal e intransferível que, uma vez tomada, cabe somente seguir adiante. Os significados da bifurcação no caminho emergem justamente dessa construção simbólica, sendo reforçados poeticamente nos diferentes níveis do sistema linguístico — fonético, lexical e sintático.

De acordo com David Orr (2015), esse poema é um dos mais lembrados e celebrados nos Estados Unidos, sendo recorrente em discursos de formatura, cerimônias de casamentos e outras ocasiões solenes, mas também evocado em contextos mais prosaicos, como estampas em camisetas, canecas de café e até propagandas de carro. No entanto, Orr afirma que o poema é simultaneamente um dos mais incompreendidos, pois a maioria das pessoas concentra-se apenas em algumas de suas frases, deixando de perceber a ironia sutil na totalidade da composição. O famoso trecho “Escolhi o caminho menos trilhado, / e isso fez toda a diferença”¹ parece expressar a ideia de que a opção por um rumo menos convencional pode levar a um resultado significativo, mudando a direção de uma situação ou de uma vida. Todavia, o poema de Robert Frost não é uma mera celebração das escolhas feitas, mas um convite para refletir sobre as possibilidades contidas naquele outro caminho que não foi percorrido.

A voz lírica sugere que apenas em retrospecto é possível enxergar a teia complexa de nossas decisões, o peso do livre-arbítrio e as narrativas que construímos, seja para justificar, seja para lamentar nossas escolhas. Nisso reside a força desse simbolismo aparentemente simples, mas poderoso, do caminho bifurcado. Uma imagem poética que é aplicável aos mais diversos aspectos da existência humana e capaz de transcender fronteiras linguísticas e culturais.

¹ Original: “I took the one less traveled by, / and that has made all the difference”.

Segundo Katherine Robinson (2016), a gênese de “The road not taken” seria uma brincadeira que Frost teria feito para provocar o amigo e também poeta Edward Thomas², que tinha uma personalidade cronicamente indecisa e, com frequência, lastimava suas escolhas, convencido de que deveria ter tomado outro rumo. Embora Frost tenha dito que fez o melhor para deixar claras as intenções lúdicas, o amigo teria levado o poema muito a sério — e não foi só ele. O resultado desse poema-piada é um texto intrinsecamente ambíguo, que abriga múltiplos significados sem jamais permitir que uma interpretação suplante a outra, ainda que apresente o dilema da escolha como algo inevitável.

As folhas amarelas evocam a transitoriedade das estações, prefigurando o momento crucial da divergência no caminho. Hesitante, por um breve momento o narrador contempla a possibilidade de percorrer ambas as veredas ao mesmo tempo, mas a fantasia do sincronismo logo é interrompida pelo pragmatismo do “eu” indivisível. Mais adiante no texto, em um novo devaneio, o narrador declara ter escolhido o caminho menos percorrido, justificando que este lhe pareceu mais gramado e verdejante. No entanto, quase imediatamente se retrata, constatando que, na verdade, ambos os caminhos estavam igualmente intocados e cobertos de folhas amarelas recém-caídas.

O crítico William H. Pritchard (1984) sugere que o narrador parece estar admitindo que optar por um caminho ou outro é, em grande medida, uma questão de impulso, algo “impossível de expressar com clareza, a não ser dizendo que o caminho escolhido tinha ‘talvez maior apelo’”³. Nesse sentido, mais do que uma reflexão sobre o ato de escolher, o poema se revelaria uma análise sobre as explicações que inventamos para embasar decisões supostamente deliberadas, mas que muitas vezes são intuitivas e impulsivas. Afirmar que nossas decisões são pautadas por escolhas ponderadas e racionais é muito reconfortante e socialmente valorizado, pois reforça a ideia de que conduzimos nossas vidas com prudência e sabedoria. No entanto, o que o poema parece sugerir é que tais justificativas são meras construções mentais e, no caso do narrador, feitas *a posteriori*, a partir de memórias.

Costuma-se esquecer (ou não perceber) que os caminhos se estendiam de forma igual, de modo que, em vez de uma ode à agência individual, temos uma meditação

² Edward Thomas começou a escrever poesia por incentivo de Frost, que residiu por quatro anos na Inglaterra. Reconhecido por suas descrições líricas da vida rural e por captar as inquietações da modernidade, Thomas foi também um crítico ferrenho da Primeira Guerra Mundial, conflito que o vitimou durante a Batalha de Arras (França), em 1917. Sua produção poética, embora concentrada entre 1914 e 1917, tornou-se influência decisiva para poetas como W. H. Auden e Ted Hughes. Aclamado por figuras como Walter de la Mare e Seamus Heaney, Thomas consagrou-se como um dos principais nomes da poesia inglesa do século XX.

³ Original: “impossible to speak about any more clearly than to say that the road taken had ‘perhaps the better claim’”.

sutilmente irônica sobre como transformamos nossa perplexidade diante dos acontecimentos em narrativas coerentes. Mais do que os eventos em si, o ato de atribuir valores vai definir nossa experiência do passado quando já não é mais possível voltar. “Ah, deixei o primeiro para outro dia!”⁴, diz o narrador, expressando a intenção de que poderia retornar e trilhar o caminho não percorrido em outro momento. Porém, a autoilusão logo se desfaz, quando reconhece que “Sabendo que um caminho leva a outro, / duvidei se algum dia voltaria”⁵. Tais versos mostram como frequentemente tentamos suavizar o peso de uma escolha, dizendo a nós mesmos que as opções ainda estarão lá — embora saibamos que o tempo e as consequências tornam isso improvável. O narrador de Frost sabe que regressar é impossível, e por isso abdica do autoengano.

Esses trechos menos lembrados marcam outra camada de leitura do poema, na qual o narrador passa da descrição do bosque para uma dicção mais contemplativa e elaborada. Essa mudança tonal contém um vaivém no processo de pensamento do narrador, representando a indecisão que se manifesta na forma de uma sintaxe mais evasiva e de difícil apreensão, mas que também revela o lado mais lúdico do poema. Afinal, se não encararmos o poema como uma metáfora da vida, repleto de dramaticidade sobre o conceito de escolha, e sim como um simples passeio pelo bosque, qualquer que seja a vereda escolhida, o narrador provavelmente desfrutará de uma caminhada agradável entre as folhas douradas de outono.

O argumento aqui é que o poema não entrega um significado emocional pronto, mas abre espaço às possibilidades que toda escolha carrega. Seu trunfo é percorrer potenciais trajetórias emocionais enquanto se mantém coerente com uma única declaração: a autojustificação não passa de uma mera invenção tardia. Não é possível dizer, definitivamente, se o narrador está satisfeito com sua escolha, pois o suspiro que dá pode ser tanto de contentamento quanto de pesar — ou até de cansaço. E mesmo quando diz que a decisão tomada “fez toda a diferença”, não explica se a escolha foi gloriosa ou decepcionante — ou nenhuma das duas coisas, foi apenas uma decisão tomada. O que fica claro é que o ato de escolher desfaz as ilusões de simultaneidade, entretanto, na linguagem da poesia, os resultados possíveis de cada decisão coexistem e podemos nos tornar viajantes percorrendo caminhos infinitos e divergentes, experimentando significados múltiplos ao mesmo tempo.

⁴ Original: “Oh, I kept the first for another day!”.

⁵ Original: “Yet knowing how way leads on to way, / I doubted if I should ever come back”.

Caminhos bifurcados: Robert Frost nos Estados Unidos e no Brasil

Robert Frost é um dos poetas mais celebrados da literatura estadunidense do século XX, personificando uma imagem idealizada de sabedoria rural e de nostalgia por uma vida de autossuficiência, simplicidade e virtude campestre. Embora sua reputação seja historicamente consagrada por inúmeros títulos honorários, críticos ainda debatem se esse reconhecimento deriva de seu talento poético ou de uma habilidosa construção de sua persona pública.

Um estudo mais aprofundado de sua poética aparentemente simples revela uma notável precisão técnica e densidade filosófica que elevou a oralidade do inglês estadunidense ao *status* literário e transformou paisagens rurais em reflexões sobre a experiência humana. Em contraste ao idealismo bucólico de Wordsworth e Emerson, que viam a natureza como uma força transcendente, Frost subverte a tradição romântica da natureza ao retratá-la como indiferente, quando não hostil. Assim, embora enraizada no tradicional, sua obra revela um modernismo peculiar, capaz de redefinir a poesia pastoral sem romper suas origens (Kern, 1988).

Frost foi, antes de tudo, um poeta do som, do ritmo e do tom. Seu domínio da linguagem e da forma se manifesta na musicalidade vernacular e no coloquialismo de suas escolhas poéticas. Essa marca singular lhe conferiu reconhecimento entre o público geral, tornando-o uma das raras figuras do meio literário que alcançou verdadeira popularidade. Ele se deleitava com o caráter performático da poesia, pois compreendia que os poemas precisavam ser *ditos*, não apenas lidos. Essa concepção do *dizer* manifestou-se de forma emblemática quando recitou o poema “The Gift Outright” na posse presidencial de J. F. Kennedy, em 1961, evento que não apenas marcou o imaginário literário dos Estados Unidos, como também foi a primeira vez na história do país que um poeta participou da cerimônia.

Apesar de nascido na cidade de San Francisco, Califórnia, em 1874, Frost se tornou famoso como poeta representante do meio rural da Nova Inglaterra — são dois polos distintos da identidade estadunidense, com diferenças marcantes em aspectos geográficos e culturais. Essa imagem de *farmer-poet* surge da mudança de sua família para Lawrence, Massachusetts, em 1884, após a morte do pai, em um retorno simbólico às origens paternas. Nesse período, Frost recebe uma formação intelectual com ênfase em línguas e literaturas clássicas, além de um contato aprofundado com a tradição literária de língua inglesa. Esses dois repertórios se entrelaçariam, mais tarde, à sua vivência no campo, moldando os temas e a dicção singular de sua poesia.

Embora já escrevesse poesia desde a juventude, o reconhecimento crítico só chegou tardiamente. Antes de 1912, Frost enfrentou sucessivas recusas por parte das principais revistas literárias da época. Seus primeiros poemas foram publicados somente em edições autofinanciadas e de tiragem reduzida. Em busca de melhores perspectivas profissionais, decide mudar de país e, em setembro de 1912, viaja para Beaconsfield, cidade ao noroeste de Londres, onde seu percurso começa a se transformar. Lá, publica suas duas primeiras coletâneas: *A Boy's Will* (1913) e *North of Boston* (1914), ambas centradas em temáticas relacionadas à Nova Inglaterra. As obras foram recebidas com entusiasmo pela crítica em ambos os lados do Atlântico, com elogios de figuras como Ezra Pound, William Carlos Williams e outros contemporâneos. A partir daí, Frost consolidaria sua reputação como poeta de dicção simples e natural, afinado à representação da vida cotidiana no interior da Nova Inglaterra.

A publicação das coletâneas poéticas *New Hampshire* (1923), *Collected Poems* (1930), *A Further Range* (1936) e *A Witness Tree* (1942) rendeu a Frost quatro prêmios Pulitzer de poesia, consolidando sua posição no cânone literário estadunidense. Entretanto, apesar desse êxito, sua recepção crítica no mundo anglófono nem sempre foi unânime. A aparente falta de experimentação formal tem sido, desde então, uma das objeções mais recorrentes à sua obra. Críticos como Yvor Winters (1962), por exemplo, apontaram o esforço de Frost em manter sua poesia próxima à linguagem coloquial como um sinal de limitação estilística, interpretando essa escolha como um empobrecimento do potencial formal da escrita poética.

Tal interpretação crítica costuma se dar em comparação com os poetas modernistas da época, como Ezra Pound, e. e. cummings, Wallace Stevens, T. S. Eliot e Gertrude Stein, cuja produção se distinguia por rupturas sintáticas, experimentações tipográficas e colagens intertextuais, em uma busca deliberada pela renovação da linguagem poética. Embora compartilhasse com os modernistas a inquietação diante da condição humana, Frost optava por métricas regulares, rimas discretas e estruturas mais convencionais. No entanto, aquilo que à primeira vista parece ser simples é, na verdade, resultado de um trabalho meticuloso. Sua originalidade reside justamente nessa contenção técnica e prosódia convencional, que tensionam o tom aparentemente despojado com a densidade reflexiva de seus temas. Tal domínio magistral da forma e do significado caracteriza Frost como alguém que operava às margens da vanguarda, em uma relação ambígua com o movimento modernista.

Além disso, como observa Robert Faggen (2001), as controvérsias em torno da biografia de Frost dominaram os debates críticos acerca do poeta, por vezes mais do que a análise de sua obra. Inicialmente isso aconteceu de forma detrimental, como nos três volumes publicados por Lawrance Thompson (1966), que o retrataram como um grande poeta, porém megalomaniaco e cruel. Posteriormente, William Pritchard (1984) confrontou diretamente os argumentos de Thompson, problematizando a tendência de interpretar a obra de Frost à luz de sua vida pessoal.

Apesar da fama de Frost como figura pública e das polêmicas sobre sua vida, os estudos críticos dedicados exclusivamente à sua obra começaram a surgir somente a partir da década de 1960. Entre os marcos iniciais, destacam-se *The Poetry of Robert Frost: Constellations of Intention* (1963), de Reuben Brower, e *The Pastoral Art of Robert Frost* (1964), de John Lyden. Essa renovação crítica ganhou novo impulso na década de 1990, com abordagens que ampliaram as possibilidades interpretativas: em *Robert Frost and a Poetics of Appetite* (1994), Katherine Kearns propõe uma leitura sob a ótica de gênero; já em *The Ordeal of Robert Frost* (1997), Mark Richardson examina a tensão entre a construção imaginativa interna do poeta e a necessidade de conformidade com sua imagem pública.

Inicia-se, assim, um processo de distanciamento em relação à crítica tradicional, que reduzia Frost à figura do poeta-fazendeiro de linguagem coloquial. Essa tendência se mantém ao longo da primeira década dos anos 2000, com obras como *Going by Contraries* (2002), de Robert Bernard Hass, que investiga a presença da ciência e da especulação filosófica na construção poética do autor. Esse movimento se intensifica com a disponibilização de materiais até então inéditos, culminando na coletânea *The Notebooks of Robert Frost* (Faggen, 2007), publicada pela Harvard University Press, e o volume *Robert Frost in Context* (Richardson, 2014), publicado pela Cambridge University Press, que oferecem um mergulho no processo criativo do autor, ampliando as possibilidades interpretativas de sua poesia.

No Brasil, a crítica passou a tomar conhecimento da obra de Frost principalmente com sua vinda ao país, em 1954, para participar do Congresso Internacional de Escritores. Antes disso, apenas referências esparsas ao poeta podiam ser encontradas nos escritos de intelectuais brasileiros. Nessa ocasião, Otto Maria Carpeaux, um dos principais críticos literários do período, comparou Robert Frost a William Faulkner, classificando o primeiro como um ilustre desconhecido, um poeta popular nos Estados Unidos, mas quase incógnito fora de seu contexto nacional — enquanto Faulkner seria o autor dos

intelectuais, com projeção internacional. Ainda assim, Carpeaux reconhece e valoriza a poesia de Frost, destacando-o como um poeta dotado de um admirável e rigoroso senso de ordem (Moreira, 1995).

Apesar desse reconhecimento honorável por um dos críticos mais importantes do Brasil há mais de setenta anos, a obra de Frost permanece, ainda hoje, em estado de quase invisibilidade no país. A tradução de sua poesia continua sendo realizada de forma dispersa, em geral restrita à publicação isolada de poemas em coletâneas, eventualmente em teses e dissertações, ou ainda em postagens de *blogs* literários. Ainda que pontuais, o meio acadêmico é o espaço onde algumas das traduções e análises mais relevantes da obra de Frost vêm sendo desenvolvidas, como no artigo de Lucia Beatriz Pitanguy Sampaio e Maria Inês Garcia de Freitas Bittencourt (2016), que aborda a poesia de Frost a partir de uma perspectiva psicanalítica, ou no trabalho de Davi Gonçalves e Jade Cristine Dantas Fonseca (2023), que explora dois de seus poemas sob a ótica da ecocrítica.

No meio editorial brasileiro, apesar de algumas iniciativas pontuais, a lacuna relativa à obra de Robert Frost permanece, lamentavelmente, inalterada. A tradutora Denise Bottmann, em entrevista à *Folha de S. Paulo*, já apontava para a carência de traduções e publicações que possam promover a difusão do poeta no meio literário nacional (Pires, 2014). Diante desse cenário, as traduções do poema “The road not taken” apresentadas neste volume adquirem especial relevância ao contribuírem para ampliar a visibilidade de um autor que é central no cânone literário estadunidense e para compreender o modernismo.

Sobre a origem dessa coletânea

A concepção desta coletânea, que tem como predecessores “O Corvo”, de Edgar Allan Poe, e “A balada do velho marinheiro”, de Samuel Taylor Coleridge, nasceu de um experimento pedagógico — prova de como a prática em sala de aula pode gerar projetos inovadores. Ao estudarmos o poema de Frost na disciplina LLE7474 — *Laboratório de Tradução* e propormos que os estudantes desenvolvessem suas próprias soluções tradutórias, deparamo-nos com uma lacuna crítica: a escassez de traduções que sustentassem análises comparativas consistentes, sobretudo em língua portuguesa.

Essa constatação inspirou a concepção do presente volume, que reúne em sua maioria versões inéditas, empenhadas em captar tanto a precisão linguística quanto a densidade poética dos versos frostianos.

As quinze traduções aqui reunidas, todas distintas entre si, demonstram que não há duas leituras iguais: quem lê o faz segundo a sua experiência e sensibilidade particulares. Além do prazer de acompanhar o poema em diferentes idiomas, os leitores podem apreciar as complexidades e os desafios inerentes à tradução poética comparando versões, explorando palavras desconhecidas em línguas que talvez não dominem, observando as particularidades da pontuação e dos sinais gráficos, ou analisando as opções e soluções encontradas pelos tradutores para apreender a essência de “The road not taken”.

A estrutura da coletânea reflete seu caráter multilíngue e seus propósitos pedagógicos. O poema original em inglês é seguido por traduções agrupadas em blocos linguísticos: francês, alemão, espanhol, italiano e, por fim, português — línguas faladas e ensinadas no Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras da Universidade Federal de Santa Catarina (DLLE/UFSC). Cada uma dessas traduções representa tanto a criatividade de Frost quanto a sensibilidade artística dos tradutores e das tradutoras que se aventuraram a recriar o poema em suas respectivas línguas.

Buscamos equilibrar a participação de tradutores e tradutoras no projeto e a realização do volume só foi possível graças ao esforço coletivo desses colegas, a quem registramos nossa gratidão: Alain Bosquet, Andrea Espada Vadillo, Andrea Santurbano, Claude Neuman, Claudia Borges de Faveri, Gisele Tyba Mayrink Orgado, Klaus F. W. Eggensperger, Marika Avezzi, Markus J. Weininger, Martha Lucía Pulido Correa, Meritxell Hernando Marsal, Monique Pfau, Sergio Romanelli, Walter A. Aue e Walter Carlos Costa. Seus olhares plurais sobre o poema enriquecem esta antologia, comprovando que toda leitura constitui um ato de recriação.

Cada versão estabelece um pacto singular entre o poema frostiano e as possibilidades expressivas da língua-alvo, confirmando que não há interpretações idênticas, apenas caminhos paralelos que, como no texto-fonte, divergem em nuances sensíveis. Essa multiplicidade interpretativa espelha o caráter polissêmico da poesia de Frost, na qual a aparente simplicidade formal encobre densas camadas de significação. Agradecemos também ao conselho editorial, cuja colaboração foi essencial para a concretização deste volume.

Convidamos o leitor a trilhar esses múltiplos caminhos da linguagem. Ao comparar versões, cotejar soluções tradutórias e decifrar escolhas lexicais, revela-se o laboratório vivo da tradução poética. Que esta jornada multilíngue seja uma oportunidade não apenas para percorrer os versos de Frost, mas também para uma imersão nos próprios mecanismos da criação literária, que se reinventa incessantemente através das línguas.

Referências

- BROWER, Reuben Arthur. *The poetry of Robert Frost: constellations of intention*. New York: Oxford University Press, 1963.
- FAGGEN, Robert (ed.). *The Cambridge companion to Robert Frost*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- FAGGEN, Robert (ed.). *The notebooks of Robert Frost*. Harvard University Press, 2007.
- FROST, Robert. *Complete works of Robert Frost: collection of poems, prose & plays*. Delhi: Grapewine, 2025.
- GONÇALVES, Davi; FONSECA, Jade Cristine Dantas. “And miles to go before I sleep”: uma análise ecocrítica de dois poemas de Robert Frost. *Paraguaçu*, Amargosa/BA, v. 1, n. 2, p. 126-146, mar. 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufrb.edu.br/index.php/revistaparaguacu/article/view/1980>. Acesso em: 3 jul. 2025.
- HASS, Robert Bernard. *Going by contraries: Robert Frost’s conflict with science*. New York: Oxford University Press, 2002.
- KEARNS, Katherine. *Robert Frost and a poetics of appetite*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- KERN, Robert. Frost and Modernism. *American Literature*, Durham, v. 60, n. 1, p. 1-16, mar. 1988.
- LYNEN, John F. *The pastoral art of Robert Frost*. New York: Yale University Press, 1964.
- MOREIRA, Cid Knipel. *Robert Frost: a tradução poética do trabalho e o trabalho da tradução poética*. 1995. 239 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) — Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.
- ORR, David. *The road not taken, finding America in the poem everyone loves and almost everyone gets wrong*. London: Penguin, 2015.
- PIRES, Francisco Quinteiro. As cartas não mentem: a redenção postal do poeta Robert Frost. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, ano 131, 11 maio 2014. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrissima/165305-as-cartas-nao-mentem.shtml>. Acesso em: 4 jul. 2025.
- PRITCHARD, William H. *Frost: a literary life reconsidered*. London/New York: Oxford University Press, 1984.
- RICHARDSON, Mark (ed.). *Robert Frost in context*. New York: Cambridge University Press, 2014.
- RICHARDSON, Mark. *The Ordeal of Robert Frost: the poet and his poetics*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1997.
- ROBINSON, Katherine. Robert Frost: “The road not taken”, our choices are made clear in hindsight. *Poetry Foundation*, 2016. Disponível em: <https://www.poetryfoundation.org/articles/68995/robert-frost-the-road-not-taken-our-choices-are-made-clear-in-hindsight>. Acesso em: 5 jan. 2025.
- SAMPAIO, Lucia Beatriz Pitanguy; BITTENCOURT, Maria Inês Garcia de Freitas. Psicanálise e literatura: Thomas Ogden e a poesia de Robert Frost. *Subjetividades*, Fortaleza/CE, v. 16, n. 2, p. 71-81, ago. 2016. Disponível em: <https://ojs.unifor.br/rmes/article/view/5121/pdf>. Acesso em: 3 jul. 2025.
- THOMPSON, Lawrance. *Robert Frost: the early years, 1874-1915*. London: Jonathan Cape Ltd., 1966.
- WINTERS, Yvor. *Forms of Discovery: critical and historical essays on the forms of the short poem in English*. Chicago: Alan Swallow, 1962.

THE ROAD NOT TAKEN

Robert Frost, 1915

Two roads diverged in a yellow wood,
And sorry I could not travel both
And be one traveler, long I stood
And looked down one as far as I could
To where it bent in the undergrowth;

Then took the other, as just as fair,
And having perhaps the better claim,
Because it was grassy and wanted wear;
Though as for that the passing there
Had worn them really about the same,

And both that morning equally lay
In leaves no step had trodden black.
Oh, I kept the first for another day!
Yet knowing how way leads on to way,
I doubted if I should ever come back.

I shall be telling this with a sigh
Somewhere ages and ages hence:
Two roads diverged in a wood, and I —
I took the one less traveled by,
And that has made all the difference.



LA ROUTE QUE JE N'AI PAS PRISE

Trad. Alain Bosquet

Deux routes divergeaient dans un bois jaune ;
Triste de ne pouvoir les prendre toutes deux,
Et de n'être qu'un seul voyageur, j'en suivis
L'une aussi loin que je pus du regard
Jusqu'à sa courbe du sous-bois.

Puis je pris l'autre, qui me parut aussi belle,
Offrant peut-être l'avantage
D'une herbe qu'on pouvait fouler,
Bien qu'en ce lieu, vraiment, l'état en fût le même,
Et que ce matin-là elles fussent pareilles,

Toutes deux sous des feuilles qu'aucun pas
N'avait noircies. Oh, je gardais
Pour une autre fois la première!
Mais comme je savais qu'à la route s'ajoutent
Les routes, je doutais de ne jamais revenir.

Je conterai ceci en soupirant,
D'ici des siècles et des siècles, quelque part :
Deux routes divergeaient dans un bois ;
Quant à moi, j'ai suivi la moins fréquentée
Et c'est cela qui changea tout.



LA ROUTE NON PRISE

Trad. Claude Neuman

Deux routes divergeaient dans un bois jaunissant,
Et triste de ne pouvoir voyager par les deux
Et n'être qu'un seul voyageur, je fis halte longtemps,
Et aussi loin que je pus, jusqu'à son tournant
Dans le sous-bois, j'en suivis l'une des yeux ;

Puis je pris l'autre, semblant tout aussi belle,
Et qui avait peut-être plus de grâce,
Car herbeuse et ne montrant trace de trop de semelles ;
Bien que, pour cela, le passage avait sur elles
Laissé, au vrai, à peu près autant de traces,

Et que les deux étaient en ce matin
Couvertes de même de feuilles noircies d'aucun pas.
J'ai gardé pour un autre jour la première, aussi bien !
Mais sachant comment l'on va de chemin en chemin,
Je doutais de retourner jamais là-bas.

Je vais conter ceci, des soupirs dans la voix,
Quelque part, d'ici des années et des années :
Deux routes divergeaient dans un bois, et moi —
J'en ai pris une, la moins voyagée qui soit,
Et de là toute la différence est née.



LE CHEMIN NE PAS PRIS

Trad. Claudia Borges de Faveri

Deux chemins divergeaient dans un bois jaune,
Et triste de ne pas pouvoir prendre les deux,
N'étant qu'un seul voyageur, longtemps je m'attardai
Et examinai l'un aussi loin que je pus
Jusqu'à une courbe sous les broussailles

Puis je pris l'autre, tout aussi bon
Et ayant peut-être un meilleur appel,
Puisqu'il était herbeux et réclamait des pas,
Même si les passants qui s'y rendaient
Les avaient également sillonnés

Et les deux ce matin étaient de même,
Couverts de feuilles que des pieds n'avaient encore noircies.
Oh, je garde le premier pour un autre jour !
Sachant pourtant combien les chemins mènent à des chemins,
Je doutai déjà si jamais j'y reviendrai.

Je dirai ceci avec un soupir
Quelque part, d'ici des âges et des âges :
Deux chemins divergeaient dans un bois, et moi,
J'ai pris le moins parcouru,
Et cela a fait toute la différence.



DIE QUAL DER WAHL

Trad. Klaus Eggensperger

Sorry, die beiden Wege im herbstlichen Wald
Konnte ich nicht zugleich begehen,
Denn ich bin nicht zwei; so machte ich halt,
Sah den einen hinab, doch der war recht bald
Im Unterholz nicht mehr zu sehen.

Den andern zu nehmen, war dann nur billig,
Und vielleicht sogar die bessere Wahl,
Denn der, grasbewachsen, schien geradezu willig;
Obwohl beide Wege, recht augenfällig,
Benutzt worden waren mehr als einmal.

Auf beiden lagen an diesem Herbstmorgen
Blätter, die niemand betreten hatte.
Schwere Entscheidung! Doch genug der Sorgen.
Ich wählte den zweiten, ließ den andern für morgen,
Zweifelnd, ob ich wirklich die Zeit übrighatte.

Nimm meine Zweifel nicht so schwer,
Solltest du´s irgendwann einmal lesen:
Zwei Wege verzweigten sich im Wald und der,
Den ich nahm, war wirklich ganz leer:
Das ist der ganze Unterschied gewesen.



DER WEG, DEN MAN NICHT NAHM

Trad. Markus J. Weininger

Zwei Wege trennten sich in gelbem Wald
Und leider konnt' ich nicht beide geh'n
Und einer bleiben, da machte ich halt
Und blickte einem nach, was es nur galt
Bis zum Knick ins Dickicht konnte ich seh'n;

Da nahm ich den andern, ähnlich schön,
Und vielleicht auch versprach er mir mehr,
Voll Gras, das einlud, auf ihm zu geh'n;
Doch das Begeh'n dort, das konnt' ich versteh'n,
Schliff beide gleich ab, so ungefähr.

Und diesen Morgen, auf beiden gleichauf,
Blatt an Blatt, die kein Schritt schwarz zerdrück'.
Oh, einen hob ich für später auf!
Doch wissend, Wege nehmen ihr'n Lauf,
Zweifelnd, ich komm' wohl nie mehr zurück.

Einst sag' ich vielleicht seufzend für mich
Was ich Jahr um Jahr um Jahr vermied:
Zwei Wege trennten sich im Wald, und ich—
Ich nahm den wenig bereisten an sich,
Und das machte den großen Unterschied.



DER NICHT GEGANGENE WEG

Trad. Walter A. Aue

Zwei Wege trennten sich im fahlen Wald
und, weil ich nicht auf beiden konnte gehn
und einer bleiben, macht' ich lange Halt
und schaute auf des einen Wegs Gestalt,
soweit ich durch die Büsche konnte sehn.

Ging dann den andern — der, genauso schön,
den größer'n Anspruch hatte auf Gebrauch,
denn Gras wuchs drauf und brauchte Drübergehn —
obgleich die Wand'rer, muß ich schon gestehn,
gebrauchten einen wie den andern auch.

Sie lagen vor mir, beide gleich, zuhauf
mit Blättern, die kein Tritt noch aufgestört.
Ich hob mir einen Weg für später auf!
Doch Wege führ'n zu and'rer Wege Lauf:
Ich wußte wohl, daß keiner wiederkehrt.

Und seufzend werd' ich einmal sicherlich
es dort erzählen, wo die Zeit verweht:
Zwei Waldeswege trennten sich und ich —
ich ging und wählt' den stilleren für mich —
und das hat all mein Leben umgedreht.



EL CAMINO NO TOMADO

Trad. Andrea Espada Vadillo

Dos caminos se bifurcaban en un bosque dorado
Y lamentando no poder recorrer los dos
Me detuve un largo rato a contemplarlos
Seguí uno de ellos con la mirada
Hasta verlo desaparecer en la maleza.

Decidí tomar el otro, igualmente promisorio
O quizás mejor,
Pues era frondoso y se ofrecía al paso
Si bien que al recorrerlo
Entendí que habría dado lo mismo.

Aquella mañana los dos lucían idénticos
Bajo un manto de hojas, intactos
¡Ah! Reservé uno de ellos para otro día
Aun sabiendo cómo son las cosas
¡Quién sabe si he de volver!

Debo confesar esto haciendo un alto
En alguna parte, en algunos años:
Dos caminos se bifurcaron ante mí en un bosque...
Tomé el menos transitado
Y esto fue determinante.



EL CAMINO NO ESCOGIDO

Trad. Martha Lucía Pulido Correa

El camino se bifurcaba en un bosque dorado,
Y contrito de no poder por los dos optar
Siendo yo un solo viajero, largo tiempo anonadado
Me quedé mirando uno de ellos hasta donde, curveado,
El camino se perdía en el zarzal;

Luego, para ser imparcial, al otro dirigí la mirada
Y quizás con argumentos más osados,
Pues su hierba pedía ser pisada;
Aunque, bien, cuál diada,
Ambos lucían casi igualmente transitados,

Y ambos esa mañana igual permanecían
En hojarasca que ningún paso ennegrecido había.
¡Ah! ¡Dejé el primero para otro día!
Y sabiendo que camino a camino conducía,
Dudé si algún día volvería.

Suspirando diré
Doquier, ergo, en un tiempo cualquiera:
El camino se bifurcaba en un bosque, y yo —
El menos transitado tomé,
Y eso marcó la diferencia que fuera.



EL CAMINO QUE NO TOMÉ

Trad. Meritxell Hernando Marsal

Dos caminos divergían en un bosque dorado,
y yo sentí no poder recorrer los dos
y ser un solo caminante, largo tiempo parado
mirando uno de ellos que se perdía lejano
hasta donde en la espesura dobló;

entonces tomé el otro, así de justo,
y es que tenía quizás más atractivo,
porque cubierto de hierba requería uso;
aunque en cuanto a eso, allí el rumbo
había sido hollado casi lo mismo,

y ambos aquella mañana igualmente yacían
sin que ningún paso las hojas hubiera oscurecido.
¡Oh, reservé el primero para otro día!
Y aún sabiendo que un camino lleva a otro camino,
dudé si alguna vez regresaría.

Esto lo contaré con un suspiro
en algún lugar dentro de muchos años:
Dos caminos divergían en un bosque, y yo
yo elegí el menos recorrido
y eso todo lo ha cambiado.



LA STRADA NON PRESA

Trad. Andrea Santurbano

Due strade divergevano in un bosco giallo,
e mi spiaceva non prenderle entrambe,
e, viaggiando solo, restai a lungo in stallo
e al mio sguardo lontano restava in ballo
quella che giù aveva curve più strambe;

poi presi l'altra, parimenti ben messa,
e dalla parvenza chissà più normale,
perché era erbosa e ancor poco compressa,
quantunque il passaggio su d'essa
l'avesse alla prima pressoché resa uguale,

e quel mattin la coincidenza era molta,
sulle foglie d'alcun passo v'era il nero.
Oh, rimandai la prima a un'altra volta!
Pur sapendo che una via all'altra porta,
dubitavo se sarei tornato dov'ero.

Lo narrerò con un qual rimestìo
in qualche dove dopo anni d'assenza:
due strade divergevano in un bosco, e io —
Presi quella battuta da minor calpestìo,
E ciò ha fatto la più gran differenza.



LA STRADA NON PRESA

Trad. Marika Avezzù

Due strade nel folto giallo si aprivano,
E dispiaciuto di non poter prendere le due
Essendo un solo viaggiatore, a lungo mi trattenevano
Fissandone una fin dove riuscivo
Dove, nella macchia, s'insinuava laggiù.

Poi presi l'altra, bella altrettanto
E forse avendo la qualità più speciale
Perché quasi intatta e dall'erbosio manto
Sebbene, anch'essa, dell'altra avesse tanto
Il passo era eguale

Ed entrambe, quella mattina, in egual modo
Eran coperte di foglie, che nessun passo aveva imbrunito
Oh, avrei preso la prima un altro giorno!
Sapendo tuttavia che strada reca ad altro snodo
Dubitai che da lì sarei mai ripartito

Lo racconterò sospirando
Da qualche parte tra molti anni
Due strade nel folto giallo si aprivano, ed io —
Io presi la meno vissuta
E da qui ogni differenza è venuta.



LA STRADA MAI PRESA

Trad. Sergio Romanelli

Due strade, un bivio, in un bosco d'autunno
Mi dispiaceva non poterle prendere tutte e due
Ma ero soltanto un viaggiatore unico
Così rimasi impalato a fissarne solo una
Fino a non vedere più
Dopo la curva nel sottobosco, nulla.

Poi decisi di prendere l'altra
mi sembrava più bella
Forse aveva l'aspetto migliore
perché era piena d'erba
Ed era ancora da consumare
Anche se proprio per questo
Il passare della gente
Aveva reso tutto uguale.

Ed entrambe quel mattino
Erano come foglie su un tappeto
Da nessun passo ancora calpestato.
Lasciai la prima all'indomani,
Ma sapendo che una strada porta all'altra
Sentivo non sarei mai più tornato indietro.

Lo racconterò così con un sospiro
Fra i secoli dei secoli:
Due strade, un bivio, un bosco ed io —
Scelsi la meno battuta,
E la differenza l'ha fatta, tutta!



A ESTRADA NÃO TRILHADA

Trad. Gisele Orgado

Duas estradas surgiam no bosque a brilhar,
E sozinha eu não podia as duas seguir;
Fiquei observando, até me encantar,
Pois cada passo parecia me chamar,
Sentindo que algo novo eu iria descobrir.

Peguei a outra, tranquila e serena,
Que parecia pedir meu caminhar;
A relva brilhava, tão fresca e amena.
Ciente que os caminhos de uma vida plena,
Cedo ou tarde hão de se igualar.

E ambas, na manhã, se estendiam iguais,
Cobertas de folhas, sem marcas no chão.
Guardei a primeira para outro dia, *quizás*,
Mas sabia que os rumos nos levam a mais,
E é raro voltar à primeira opção.

Hei de um dia contar o que vivi,
Quando o tempo em mim for só lembrança:
Duas estradas no bosque — e eu decidi:
Seguir pela que menos passos vi,
Pois essa foi a que me trouxe esperança.



A VIA NÃO TOMADA

Trad. Monique Pfau

O caminho se marcava por duas vias,
E triste não pude ambas eleger
E ali travei, por muitos dias
E uma desprezei tudo que eu podia
Onde a relva estava a se estender;

Então tomei a outra, tão boa quanto,
E talvez fosse de fato a mais atraente,
Pois era gramada para pisar um tanto;
Ainda que a passagem por aquele canto
Se desgastava quase que igualmente,

E naquela manhã ambas se abriram
Nas folhas que passo algum havia pisado.
Ah, uma deixei para os dias que viriam!
E sabendo que as vias outras vias criam,
Questionei-me se deveria ter voltado.

Com um suspiro no peito eu digo
Em algum lugar após uma era extensa:
Duas vias no caminho, e eu comigo —
Elegi o trajeto menos percorrido,
E foi isso que fez toda a diferença.



A ESTRADA NÃO TOMADA

Trad. Walter Carlos Costa

Num bosque amarelo, divergiam duas estradas,
E eu, não conseguindo tomar ambas
E sendo só um, fiquei hesitando
E mirei uma delas na distância
Até onde, entre arbustos, se ofuscava.

Então, tomei a outra, atrativa,
E com mais atributos, certamente,
Por ser mais relvosa e convidativa;
Embora os passantes repetidos
As tivessem desgastado igualmente.

E ambas, naquela manhã, se estendiam
Em folhas ainda não negro-pisadas.
Ah! Deixei a primeira para outro dia!
Mas, uma via levando a outra via,
Duvidei que algum dia eu retornaria.

Contarei isso com um suspiro meu
No futuro e num lugar diferente:
Duas estradas num bosque divergiam, e eu —
Tomei a que pouca gente percorreu,
E isso fez toda a diferença.



Sobre as tradutoras e os tradutores

Alain Bosquet, poeta, romancista, ensaísta e crítico literário francês de origem russa. Sua formação acadêmica incluiu estudos em Philologie Romane na Université Libre de Bruxelles e na Sorbonne. Atuou como editor e colaborador de revistas literárias franco-americanas e publicações como *La Voix de la France*, *Combat*, *Le Monde* e *Le Figaro*. Sua produção literária e acadêmica articula poesia, crítica literária e tradução, com destaque para *Langue morte* (1951), *La confession mexicaine* (1965), *Les fêtes cruelles* (1984) e *Demain sans moi* (1994). Foi fundador e diretor da revista literária *Nota Bene* (1981-1995) e membro da Académie Royale de Langue et de Littérature Françaises da Bélgica (1986). Sua obra recebeu importantes prêmios literários, como o Prix Max Jacob (1960) e o Prix Goncourt de Poésie (1989). Nos últimos anos de sua carreira, Bosquet concentrou-se em estudos de tradução e circulação literária, ressaltando a importância da prática literária e editorial na mediação intercultural, além de contribuir significativamente para o diálogo entre tradições literárias francesas, americanas e europeias.

Andrea Espada Vadillo tem experiência nas áreas de Letras e Comunicação, atua como Professora-Leitora de Língua Espanhola no curso de Letras Português/Espanhol da Universidade Federal do Paraná (UFPR), por meio de convênio firmado com a Agencia Española de Cooperación Internacional para el Desarrollo (AECID), através do Ministerio de Asuntos Exteriores, Unión Europea y Cooperación (MAEC), da Espanha. É mestre em Ensino de Espanhol como Língua Estrangeira pela Universidad Internacional de Valencia (2020), graduada em Jornalismo pela Universidad Complutense de Madrid (2016), e doutoranda no Programa de Pós-graduação em Linguística da UFSC. Também é autora de dois livros de poesia: *Pena de Pájaro*, publicado pela editora espanhola Amargord (2019) e *Cruz quebrada*, publicado pela editora argentina Buenos Aires Poetry (2023).

Andrea Santurbano é professor de Literatura Italiana e Comparada na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), atuando no Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras e no Programa de Pós-graduação em Literatura, e coordenador do Núcleo de Estudos Contemporâneos de Língua e Literatura Italiana (NECLIT), ativo na mesma universidade. Tem dedicado suas pesquisas às relações entre literatura, morte, linguagem, experiências, anacronismos e suas declinações, com foco principal em autores como Giorgio Manganelli, Alberto Savinio, Guido Morselli, Michele Mari, Thomas Bernhard, Robert Walser. Além de vários ensaios, é autor e organizador de diversos livros, entre os quais *Guido Morselli: eu, o mal e a imensidão* (ed. bilíngue, Comunità, 2012), *O outro século XX: embates entre literatura e realismos na Itália* (Rafael Copetti, 2018), *Van Gogh não existe: escritos sobre arte* (n-2, 2022), *Desarquivando o literário: percursos entre línguas* (7Letras, 2024) e *L'Italia tradotta* (7Letras, 2024). Há alguns anos vem se dedicando também à tradução de textos tanto filosófico-ensaísticos quanto literários: vale a pena lembrar, pelo menos, *As pessoas e as coisas*, de Roberto Esposito (Rafael Copetti, 2016), *O fogo e o relato* (Boitempo, 2018) e *Signatura rerum: sobre o método* (Boitempo, 2019), de Giorgio Agamben, *Limiares: entre arte e filosofia* (7Letras, 2021), de Franco Rella, *Brilha como vida* (Relicário, 2022), de Maria Grazia Calandrone e *Eurídice tinha um cão* (Relicário, no prelo), de Michele Mari.

Claude Neuman é tradutor literário e autor, com uma trajetória marcada pela versatilidade linguística e pelo interesse por grandes obras da poesia ocidental. Traduziu do inglês para o

francês os *Sonnets* de William Shakespeare (Éditions Ressouvenances), oferecendo uma nova leitura de um dos marcos da lírica inglesa. No caminho inverso, traduziu do francês para o inglês três contos do renomado escritor francês Pierre Bergounioux, também publicados pela Ressouvenances. Sua atuação mais abrangente, porém, envolve projetos trilingües (alemão-francês-inglês), em que traduziu obras fundamentais da poesia alemã. Dentre as quais destacam-se os *Sonnets à Orphée* e uma antologia de cinquenta poemas de Rainer Maria Rilke, assim como as *Odes éoliennes*, *Élégies* e os poemas tardios de Friedrich Hölderlin. Essas traduções foram publicadas na França pela Ressouvenances e, em edições bilíngües (alemão-inglês), nos Estados Unidos pela Edwin Mellen Press. Em 2024, publicou *L'âge d'or de la chanson américaine et ses paroliers* (Éditions Ressouvenances), um livro em francês dedicado aos grandes letristas do Great American Songbook, como Cole Porter, Irving Berlin, Lorenz Hart, Ira Gershwin e Johnny Mercer. Sua obra reflete um compromisso com a precisão poética, a escuta musical da linguagem e o diálogo entre tradições literárias.

Claudia Borges de Faveri é professora titular no Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras (DLLE) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), onde atua nas áreas de língua e literatura francesas e estudos da tradução. Sua trajetória acadêmica inclui o doutorado em Sciences du Langage pela Université de Nice-Sophia Antipolis (1995) e dois estágios de pós-doutorado (2011 e 2019). Orientou trabalhos de mestrado e doutorado sobre tradução literária, crítica da tradução, circulação internacional de literatura brasileira e recepção de literaturas latina, francesa e inglesa no Brasil. Sua produção acadêmica articula crítica literária, teoria da tradução e história cultural, examinando tanto a presença de autores franceses no Brasil quanto a projeção internacional da literatura nacional. Organizou a *Antologia bilingue: clássicos da teoria da tradução. Volume II — Francês-Português* (2004), publicou o livro *O Brasil traduzido, palavra estrangeira* (2015) e assinou vários artigos, capítulos de livro e prefácios sobre a recepção e a tradução dos *Ensaïos* de Michel de Montaigne no Brasil, a tradução de Guimarães Rosa na França e a obra literária de Marcel Schwob, do qual traduziu *O livro de Monelle* (2010). Nos últimos anos, tem se dedicado à recepção da obra de Michel de Montaigne no Brasil.

Gisele Tyba Mayrink Orgado é tradutora, pesquisadora e docente brasileira com atuação internacional. Graduada em Comunicação Social (1991), obteve mestrado (2010) e doutorado (2014) em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com estágio doutoral na University of Arizona. Realizou pós-doutorado em Estudos da Tradução na UFSC (2019-2020). Foi selecionada pelo Ministério das Relações Exteriores (MRE) como Leitora Brasileira na University of Birmingham (2020-2024), onde atualmente integra a equipe do University of Birmingham Brazil Institute (UBBI). Organizou o livro *Diálogos e Perspectivas: Línguas Estrangeiras/Adicionais, (Re)Tradução, Interpretação e (Sub)Versões* (2024), publicou o capítulo de livro “Elementos paratextuais e a paratradução na literatura japonesa clássica” (2023) e traduziu para o português o conto “A cadeira humana” (Editora Garcia, 2022), de Edogawa Ranpo. Entre seus interesses de pesquisa e publicações destaca-se a tradução da cultura e da literatura japonesa, com ênfase no clássico *Genji Monogatari*, de Murasaki Shikibu, e na análise paratextual de traduções literárias. Na University of Birmingham, no departamento de External Relations, contribui para o cumprimento dos compromissos estratégicos e o fortalecimento do perfil internacional da universidade para desenvolver parcerias, gerenciar projetos e apoiar iniciativas colaborativas que promovam a pesquisa e o engajamento global, particularmente em relação ao Brasil.

Segue investindo no ensino de português como língua estrangeira e na promoção da diversidade linguística e cultural do Brasil, participando de eventos acadêmicos e culturais relacionados ao país e à língua portuguesa. Sua trajetória reflete um compromisso com a interculturalidade e a educação superior internacional.

Klaus Friedrich Wilhelm Eggensperger é professor associado no Departamento de Letras Estrangeiras Modernas (DELEM) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), com atuação consolidada na área de literatura alemã e literaturas ecocríticas de língua inglesa. É PhD em Filosofia pela Universidade de Osnabrück (1995), na Alemanha, com pesquisa sobre modalidades verbais no idioma iídiche, assunto que também é tema em seu livro *Modale Nebenverben im Jiddischen: Eine korpusgestützte Untersuchung zu “soln” und “wolt”*, publicado pela editora Rasch. Sua atuação acadêmica destaca-se pela interdisciplinaridade, alinhando teoria literária, cultura e linguagem. Entre os seus interesses de pesquisa e ensino ressaltam-se tópicos como ecocrítica, os romantismos anglo-americano e alemão, os estudos culturais, assim como as narrativas fantásticas, e as poéticas contemporâneas. Seu último livro publicado é *Entre botânicas decoloniais: as frutas silvestres de Henry David Thoreau e frutas brasileiras* (2022), pela editora Appris.

Marika Avezzù é mestre em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC, 2023), com pesquisa dedicada a Leonardo Sciascia e sua recepção no Brasil, e graduada em Letras — Língua e Literatura Italianas pela mesma instituição, título obtido com honra ao mérito em 2019. Nascida na Itália, onde viveu até os 23 anos, iniciou sua experiência docente em 2010. Ao mudar-se para o Brasil, em 2014, consolidou sua vocação para o ensino da língua e da cultura italianas. Lecionou no Centro Europeu de Curitiba em 2015 e a partir de 2016 passou a integrar os Cursos Extracurriculares da UFSC. Atuou ainda como professora voluntária no Núcleo de Estudos da Terceira Idade (NETI), ministrando aulas de Cultura e Arte Italiana até 2020, além de ter trabalhado como tradutora e intérprete em eventos da FIMAR e da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Desde 2019 é professora no Círculo Ítalo-Brasileiro, onde acompanha seus estudantes em suas jornadas de descoberta dos caminhos do *Bel Paese* com sensibilidade e dedicação.

Markus Johannes Weininger é professor associado no Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras (DLLE) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), onde pesquisa e ensina sobre filosofia da linguagem; corpora linguísticos; metodologia de ensino de línguas estrangeiras, com destaque para o uso de recursos informatizados para o ensino de idiomas; teorias e práticas de tradução, incluindo a tradução de textos sensíveis, tradução literária, técnica e interpretação; assim como temas interdisciplinares como yoga e filosofia indiana. É mestre em Filosofia Política, com ênfase em História Moderna e Sociologia, pela Ludwig-Maximilians-Universität München, na Alemanha, é doutor em Linguística Aplicada pela UFSC e fez estágio pós-doutoral na Universität Wien, na Áustria. Colaborou como organizador, tradutor e revisor com Rosvitha F. Blume na antologia bilíngue *Seis décadas de poesia alemã* (EdUFSC, 2014). Nos últimos anos, Markus tem publicado trabalhos que abordam interseções entre literatura, filosofia e estudos culturais, com especial atenção a questões de linguagem, ética e estética, mobilizando autores e correntes teóricas diversas para examinar problemas que atravessam a história intelectual europeia e seu diálogo com o pensamento brasileiro. Essa circulação crítica de ideias entre diferentes campos do saber resultou em produções como a patente do *Aplicativo Web FarmaLibras* (2025) e a tradução coletiva *Franz Kafka: contos finais escolhidos* (2024) publicado Estação Liberdade.

Martha Lucía Pulido Correa é tradutora, pesquisadora e professora colombiana, com atuação na área de Estudos da Tradução. Tem doutorado em Sciences Littéraires et Humaines pela Université Paris-Est Créteil Val-de-Marne (1995). Atualmente, é professora e pesquisadora no Grupo de Investigación en Traductología e no Programa de Tradução da Universidad de Antioquia, em Medellín. É fundadora e editora da revista científica *Mutatis Mutandis*, que é referência na área de tradutologia na América Latina. Foi professora visitante no Programa de Pós-graduação em Tradução (PGET) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), no Brasil. Entre suas publicações recentes, destacam-se as traduções de dois romances do escritor Ludwig Lewisohn: *El caso del Sr. Crump* (2021) e *La llama veemente* (2023), ambos publicados em Madrid pela Hermida Editores. Sua produção acadêmica abrange temas como tradução literária, crítica da tradução, história da tradução e circulação de saberes entre línguas e culturas.

Meritxell Hernando Marsal é professora e pesquisadora no Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras (DLLE), no Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução (PGET) e no Programa de Pós-graduação em Literatura (PPGLit) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Graduada em Filología Hispánica pela Universitat de Barcelona (UB), mestra em Letras Latinoamericanas pela Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM) e doutora em Letras — Língua e Literatura Espanhola e Hispano-Americana pela Universidade de São Paulo (USP), especializou-se em literatura latino-americana, descolonização, feminismos e tradução, particularmente nas literaturas em catalão e espanhol. Seus interesses de pesquisa articulam reflexões sobre o papel político e cultural da tradução, tendo como eixos escritores como Gamaliel Churata e José María Arguedas, recentemente tem se dedicado aos estudos da obra da escritora catalã Maria-Mercè Marçal e de escritoras latino-americanas, por meio do Laboratório Feminista de Literatura Atual (LOLA), grupo de pesquisa e extensão na graduação, e do Grupo de Estudos Feministas na Literatura e na Tradução (GEFLIT). Há mais de dez anos está à frente do CineBuñuel, cineclube que se propõe difundir o cinema hispânico. É também tradutora do catalão em parceria com Be RGB e tem traduzido obras das escritoras Maria-Mercè Marçal, Montserrat Roig, Marta Orriols e Eva Baltasar.

Monique Pfau é professora de Letras da Universidade Federal da Bahia (UFBA), tradutora e escritora. Tem graduação em Letras e História e doutorado em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em cotutela com a Vrije Universiteit Brussel (VUB). É autora do romance *A Rua* (2021) e de poemas e contos em antologias diversas. Publicou, junto à colega Noelia Borges e seu grupo de pesquisa, a tradução da obra poética *Liffey Swim* (Três Rios, em português, publicado em 2019), da irlandesa Jessica Traynor. Sobre tradução de poesia, também colaborou com a publicação de alguns artigos com traduções comentadas e teoria de tradução de textos poéticos em periódicos especializados de literatura e tradução com destaque para a tradução do poema “Samambaia,” de Paul Durcan, publicado pelo *ABEI Journal* em 2020, também em coautoria com Noelia Borges e seu grupo de pesquisa.

Sergio Romanelli é Professor Associado IV DE, no Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras da Universidade Federal de Santa Catarina. Tem graduação em Letras e Filosofia pela Università Degli Studi di Milano (1997), mestrado (2003) e doutorado (2006) em Linguística Aplicada pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), pós-doutorado em Antropologia da Tradução pela Antwerp University (2014) e pós-doutorado em História do

Brasil (2021) pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Tem experiência na área de Linguística aplicada ao ensino-aprendizagem de LE e tradução e em Crítica Genética, atuando principalmente nos seguintes temas: Línguas Estrangeiras Modernas, Crítica Genética, Linguística Aplicada e Tradução. Coordenador do curso de Letras Estrangeiras e Secretariado Executivo da UFSC. Coordenador do Núcleo de Estudo de Processos Criativos (NUPROC). Tradutor (Virgillito, Alberti, Speroni, Espanca, Twain etc.) poeta e cantor.

Walter A. Aue, Professor Emérito de Química na Dalhousie University, em Nova Scotia, Canadá, onde construiu uma trajetória singular ao articular investigação científica e erudição humanística. Doutor pela Technische Universität de Berlim, ingressou na Dalhousie na década de 1970 e tornou-se pioneiro da química ambiental, sobretudo pelos estudos em cromatografia e análise de poluentes atmosféricos, que estabeleceram metodologias hoje padrão no monitoramento ambiental. Ao mesmo tempo, manteve intensos diálogos com departamentos de Literatura, explorando a representação de conceitos científicos na literatura alemã do pós-guerra. Essa perspectiva interdisciplinar orientou sua atuação como diretor fundador do Instituto de Estudos Ambientais da universidade, no qual defendia a integração de dimensões éticas e filosóficas à formação científica. Seus escritos técnicos, por vezes permeados por alusões à filosofia natural de Goethe e às críticas epistemológicas de Brecht, refletiam essa abertura intelectual. Embora mais reconhecido por desenvolver métodos de detecção de traços que avançaram a regulamentação ambiental, o legado duradouro de Aue talvez seja sua demonstração de como o rigor científico e o pensamento humanístico podem se cruzar de forma produtiva, uma perspectiva que antecipou as abordagens transdisciplinares contemporâneas para os desafios ambientais.

Walter Carlos Costa é tradutor, pesquisador e professor, cuja trajetória se caracteriza pelo diálogo entre culturas, pela dedicação à formação de pesquisadores e pela contribuição para a consolidação dos Estudos da Tradução no Brasil. Fez a graduação e o mestrado em Filologia Românica na Katholieke Universiteit Leuven (KU Leuven), na Bélgica, obteve seu PhD pela University of Birmingham, no Reino Unido, e pós-doutorado em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Entre 2010 e 2013, presidiu a Associação Brasileira de Pesquisadores em Tradução (ABRAPT), fortalecendo a institucionalização da área no país. É bolsista de produtividade do CNPq (Nível 1B), com pesquisas voltadas à historiografia da tradução literária e às relações entre tradução, sistemas culturais e literários, com destaque para a ficção policial produzida em colaboração por Jorge Luis Borges e Adolfo Bioy Casares. Professor Titular aposentado da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), atua como docente permanente do Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução (PGET/UFSC) e do Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução (POET/UFC). Dentre suas publicações recentes, destacam-se o artigo “Traduzindo e anotando o Cap. XII de *Exploration of the Valley of the Amazon*” (*Cadernos de Tradução*, 2023), o capítulo “Borges e Bioy e a edição de literatura policial como performance: o caso de *El Séptimo Círculo*” (2024) e a organização do livro *Psicanálise entre línguas* (7Letras, 2017). Paralelamente à produção crítica, atua como tradutor de poesia, ficção e ensaios, vertendo para o português obras do neerlandês, inglês, francês e espanhol. Essa articulação entre prática tradutória e reflexão teórica confere singularidade e relevância ao seu percurso intelectual.